

Fenômenos linguísticos na fala sulgoiana, fatores condicionantes¹

*Linguistic phenomena in the
speech from the South of
Goias: conditioning factors*

Elisama Borges LINO (UEG)
eborgeslino@gmail.com

Ana Cláudia Martins SANTOS (UEG)
claudinhapba@hotmail.com

Martha Tereza Santos SILVA (UEG)
marthaterezasantos@hotmail.com

Arlete de FALCO (UEG)
arletedefalco@gmail.com

Resumo: Observando o atual retrato linguístico da região sulgoiana, percebe-se que três fenômenos têm apresentado um número considerável de ocorrências, **ditongação**, **monotongação** e **apagamento da oclusiva /d/**. Com base nessa constatação, procuramos traçar um panorama sobre o assunto em dois municípios de nosso estado e compreender os fatos que desencadeiam esses fenômenos, a par de determinar as variantes presentes em cada caso, além de

LINO, Elisama Borges; SANTOS, Ana Cláudia Martins; SILVA, Martha Tereza Santos; FALCO, Arlete de. Fenômenos linguísticos na fala sulgoiana, fatores condicionantes. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 6, p. 95-107, jan./jun. 2016.

rever os conceitos teóricos relacionados ao ditongo e monotongo. Assim, responderemos as seguintes questões: Qual o papel da variável escolaridade no apagamento da dental /d/ no gerúndio? Como tal apagamento pode ser justificado? A variável gênero/sexo é fator preponderante para a formação dos fenômenos de ditongação e monotongação no sulgoiano? Sustentamos nossa pesquisa nos pressupostos de estudiosos da sociolinguística laboviana de cunho variacionista como, Faraco e Tezza (1992), Fiorin (2011) e da gramática, Dubois (2000) e Cunha e Cintra (2013). Ao analisarmos os dados estatisticamente, observamos que a monotongação foi o fenômeno mais recorrente nas amostras de fala de que dispúnhamos, com uma porcentagem de 47% para o Ensino médio e 39% para o Ensino fundamental II; a ditongação apresentou um índice secundário, com 23% para o Ensino médio e 32% para o Ensino fundamental II. Quanto ao apagamento da oclusiva /d/ houve um percentual de 30% para o Ensino médio e 29% para o Ensino fundamental II.

Palavras-chave: Língua. Fala. Fenômenos linguísticos.

¹ Trabalho apresentado na forma de painel na VI Semana de Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Goiás (UNU) Morrinhos- GO, em 27 de outubro de 2014, com o título: "Ditongação, Monotongação e Apagamento da Oclusiva /d/ na fala sulgoiana: fatores internos e externos condicionantes e em forma de comunicação oral na mesa redonda intitulada "Fenômenos linguísticos no interior de Goiás- Monotongação, ditongação e apagamento da dental /d/ no gerúndio-ndo", na Faculdade Santa Rita de Cássia- UNIFASC- Itumbiara- GO, em 12 de novembro de 2014.

Abstract: Noting the current linguistic portrait of sulgoiana region, it is clear that three phenomena have shown a considerable number of occurrences, diphthongization, monophthongization and deletion of occlusive / d /. Based on this finding, we try to give an overview on this subject in our region and understand the facts that trigger these phenomena, together to determine the variants present in each case, and to review the theoretical concepts related to diphthong and monophthong. So, answer the following questions: What is the role of education variable in the deletion of dental / d / in the gerund? As such deletion can be justified? The variable gender/sex is a major factor in the formation of phenomena diphthongization and monophthongization in this region? We maintain our research on the assumptions Labovian sociolinguistic scholars of variational nature as Faraco and Tezza (1992) and Fiorin (2011) and grammar, Dubois (2000) and Cunha and Cintra (2013). When analyzing the data statistically, we observed that monophthongization was the most recurrent phenomenon in the speech samples that we had, with a percentage of 47% for high school and 39% for primary education II; the diphthongization presented a secondary index, with 23% for high school and 32% for primary education II. The deletion of occlusive / d / showed rate of 30% for high school and 29% for primary education II.

Keywords: Language. Speaks. Linguistic phenomena.

Introdução

Côncias de que a língua enquanto organismo heterogêneo apresenta-se em contínua mutação, decidimos tratar de temas recorrentes no falar sulgoiano, tais como ditongação, monotongação e apagamento da oclusiva /d/ no gerúndio. Utilizando um *corpus* de pesquisa constituído por 22 entrevistas, fizemos a observação das principais variáveis que norteiam a formação desses fenômenos em dois municípios goianos.

Atualmente existem pesquisas descrevendo os mesmos fenômenos, em outras regiões brasileiras. Um exemplo é o estudo realizado por Hora e Aquino (2012). Esses pesquisadores fizeram uso do banco de dados do projeto VALPB (Variação linguística no estado da Paraíba) para a consolidação de seus trabalhos. Neste panorama, como já exposto pelos autores, encaixam-se questões relativas à variação linguística que inúmeras vezes coloca uma determinada variedade em situação privilegiada ou estigmatizada em meio à sociedade.

As primeiras contribuições do estudo da variação para a educação foram trazidas pelas pesquisas de Labov sobre o inglês dos negros nos Estados Unidos. Os resultados de suas pesquisas refutaram a visão corrente, à época, de que as crianças falantes dessa variedade do inglês apresentavam deficiências de habilidades linguísticas. Tais estudos contribuíram para a valorização dos dialetos falados pelos grupos minoritários (HORA; AQUINO, 2012, p. 1100).

Na pesquisa realizada por esses autores, foram analisados o áudio da leitura de algumas crianças do 3º ao 5º ano do ensino fundamental em uma escola da rede pública de ensino. Com os dados coletados, foram estabelecidas comparações e reflexões, além da delimitação de possíveis causas para os fenômenos encontrados.

Além do artigo mencionado, sustentamos nossa pesquisa nos postulados da gramática normativa, Cunha e Cintra (2013); da linguística, Dubois (2000), Câmara Jr. (2005) e Geraldi (2011), e da sociolinguística laboviana de cunho variacionista, Tarallo (2002), Faraco e Tezza (1992), Possenti (1996), Castilho (2004) Mattos e Silva (2004), Mollica e Braga (2003), Monteiro (2000) e Fiorin (2011).

O estudo procurou elucidar as seguintes questões: Qual o papel da variável escolaridade no apagamento da dental /d/ na formação do gerúndio? Como pode ser justificado tal apagamento? O gênero/sexo dos informantes é fator preponderante para a formação dos fenômenos de ditongação e monotongação nessa região?

De acordo com Mattos e Silva (2004), a *ciência* sociolinguística deu um salto ao compreender a heterogeneidade linguística, em que estão em constante conexão fatores intra e extralinguísticos. Conseguindo analisar a multiplicidade presente na língua, a sociolinguística é capaz de observar as variações e prever seu curso no decorrer do tempo.

O grande avanço da sociolinguística se funda basicamente na sua conceituação de língua como sistema intrinsecamente heterogêneo, em que se entrecruzam e são correlacionáveis fatores intra e extralinguísticos, ou seja, fatores estruturais e fatores sociais (como classe, sexo, idade, etnia, escolaridade, estilo) (MATTOS E SILVA, 2004, p. 299).

Essa pesquisa aborda temas muito comuns à maior parte dos falantes de Língua Portuguesa no *Brasil*. Fenômenos corriqueiros, sem muita importância para aqueles que os enunciam, mas de profunda relevância para nós, pesquisadores da língua e de suas mais diversas variedades.

Temos também o intuito de rever os conceitos teóricos relacionados ao tema da pesquisa. Para Câmara Jr (2005, p.170), a monotongação concerne à “Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo (v.) a uma vogal simples, como a passagem em latim de ae para /è/ e, em latim vulgar, de au para o (pauper>*po-per; cf, port, pobre)”.

Em seu dicionário de linguística (2000, p.418), Dubois afirma

que, “O monotongo é uma vogal que não muda sensivelmente de timbre no curso de sua emissão, como {e}, {a}, etc., em oposição aos ditongos {ej}, {aw}, aos tritongos*, etc”. Para Cunha e Cintra (2013 p. 60), o ditongo configura-se como “O encontro de uma vogal + uma semivogal, ou de uma semivogal + uma vogal recebe o nome de ditongo”.

Inteirada da dubiedade inerente à língua, de promover a comunicação entre falantes e simultaneamente responder pelos arranjos sociais e de poder que dela provêm, nossa pesquisa fundamenta-se na observação e análise de fenômenos linguísticos muito comuns em nossa esfera sócio-política. Como considera Labov, “(...) A forma de comportamento linguístico muda rapidamente quando muda a posição social do falante” (LABOV *apud* MONTEIRO, 2000, p.20). Também interessa-nos sobremaneira contribuir mesmo que minimamente para a composição de um quadro sociolinguístico em nossa região, observando algumas manifestações da língua em ininterrupta mudança.

Metodologia

Para a constituição do *corpus* de pesquisa, utilizamos como técnica para a coleta de dados, a entrevista. Conforme propõe Tarallo (2002), utilizamos temas simples e totalmente sintonizados com o universo jovem, como filmes, livros, jogos, músicas, experiências escolares e expectativas para o futuro. Conceitos como **língua** foram evitados, a fim de minimizar o impacto de nossas observações na comunidade de fala em questão.

Seu objetivo central será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade e sobre os informantes que a compõem. A palavra “língua” deverá ser evitada a qualquer preço [...] Para atingir tais propósitos metodológicos podem-se formular módulos (ou roteiros) de perguntas: um questionário- guia de entrevista (TARALLO, 2002, p. 21, 22).

Utilizamos o método de abordagem indutivo, partindo de um fato particular até obter uma constatação geral. Como método de procedimento, fizemos uso do estatístico, analisando os dados de maneira quantitativa.

Para a obtenção do material a ser analisado, selecionamos duas escolas da rede pública de ensino em dois municípios sulgoianos. Tais instituições de educação estão situadas em regiões periféricas de Caldas Novas e Piracanjuba, contando com um grande contingente de alunos oriundos de classes sociais menos abastadas. O *corpus* de pesquisa foi

constituído por entrevistas de 22 alunos, com faixa etária de 11 a 15 anos para o Ensino fundamental II e de 15 a 19 para o Ensino médio.

Em cada cidade foram selecionados oito estudantes do Ensino fundamental II e três alunos do Ensino médio. Os voluntários possuíam idades entre onze e dezenove anos, sendo onze destes do sexo masculino e onze do sexo feminino. Com o áudio das gravações, realizamos a transcrição fonética do material coletado, e então, analisamos os dados.

A língua e suas variações

A sociolinguística enquanto ciência da língua em movimento considera os fatores externos a ela. Trata das variações linguísticas, observando o curso e o valor das palavras em cada situação de enunciação e grau de formalidade. Daí decorre a noção de que determinada variante estabelece uma relação de domínio e prestígio em relação à outra. Conforme ponderam Faraco e Tezza (1992, p. 13), “Em bom português, a verdade é que todas as sociedades humanas estabelecem uma hierarquia entre suas variedades, atribuindo valores a este ou aquele traço da fala”.

Questões relacionadas à mutação linguística e aos fatores internos e externos à língua, já foram abordadas em diversos trabalhos de diversos autores.

Por isso, para quem pretende ter uma visão mais adequada do fenômeno da linguagem, especialmente para os profissionais, dois fatos são importantes: a) Todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma; b) A variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou de papel entre os indivíduos ou grupos, essas diferenças se refletem na língua (POSSENTI, 1996, p.23).

Sabendo que todo grupo de fala apresenta variações linguísticas em contínua mutação, é de primordial importância compreender os fatores que desencadeiam estas modificações constantes na fala dos indivíduos. De acordo com Possenti (1996, p.23) “Um dos tipos de fatores que produzem diferenças na fala das pessoas são externos à língua. Os principais são fatores geográficos, de classe, de idade, de sexo, de etnia, de profissão”.

As formas linguísticas em variação existentes em uma comunidade sempre são fatores de inclusão ou exclusão de um determinado grupo na sociedade. Dependendo do contexto social e de enunciação, uma forma linguística pode ser estigmatizada ou elitizada, tornando-se ferramenta

de domínio de um conjunto de pessoas sobre outras. A língua diversas vezes é utilizada para modificar pensamentos e opiniões.

No entanto, os fatores que norteiam a fala de um determinado grupo, não são apenas externos à língua. Esta segue uma regularidade, é regida por uma lógica interna, em que certos “equívocos” linguísticos não ocorrem. Como explícita Possenti (1996, p.24). “Também há fatores internos à língua que condicionam a variação. Ou seja, a variação é de alguma forma, regrada por uma gramática interior da língua”.

Dessa forma, qualquer falante que tenha internalizado a língua enquanto sistema de signos, dotados de significante e significado e não possua nenhuma anomalia no aparelho fonador, é capaz de um ato de enunciação compreensível. O que corrobora a ideia de que a língua, mesmo quando não guiada pela tradição normativa, não perde seu caráter eficaz de promover a comunicação entre falantes.

A influência das variáveis

Na relação língua/sociedade, estão em contínuo contato, elementos intra e extralinguísticos. Partindo deste pressuposto, observa-se que alguns fatores externos à língua se sobrepõem a outros em nível de interferência na consolidação de determinados fenômenos. É o caso da variável gênero/sexo, que desempenha papel preponderante na composição dos resultados obtidos em todos os fenômenos que analisamos. Conforme ponderam Mollica e Braga (2003, p.36), “No estudo da correlação entre gênero/ sexo e mudança linguística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora”.

No mundo hodierno, somos interpelados cotidianamente pelo discurso midiático. Impassível, ela, *a mídia*, monopoliza a linguagem e em decorrência o cerne de nossa atividade enquanto falantes. Tal influência não é menos significativa, punitiva e arbitrária do que a escola, a mídia configura-se como grande artífice a persuadir, incutir e delegar juízos de valor acerca do *certo* e *errado*. Em *O texto na sala de aula* Geraldi discorre sobre os verdadeiros detentores da fala.

A maioria é permitido ouvir, não falar. O professor do ouvir é a TV, monopólio e concessão do Estado e das empresas privadas. A TV é a professora antiga, autoritária- só fala, fala, nunca ouve. O aluno, espectador, é também aquele antigo, passivo, conformado, só ouve (GERALDI, 2011, p. 15).

Ao abordar o papel mediador entre educando e formas elitizadas, promovidas e afiançadas pela escola, em detrimento daquelas que fogem ao padrão normativo, Mollica e Braga (2003) trazem a lume questões relativas à responsabilidade e atuação do corpo escolar, que, preponderantemente, estigmatiza uma variante em detrimento de outra. Fiorin afirma que (2011, p.50), “Como apontou Coseriu (1979), a língua nunca está pronta. Ela é sempre algo por se refazer”. Agindo de maneira punitiva e arbitrária, a escola ignora a mudança linguística e, por conseguinte, aspectos culturais próprios de determinada comunidade de fala.

Discussão dos resultados

Analisando o *corpus* de pesquisa, observamos que os indivíduos do sexo feminino apresentaram as maiores taxas de ocorrências em todos os fenômenos investigados, com índices de 55% para a monotongação, 54% para a ditongação e 65% para o apagamento da oclusiva /d/. É o que podemos averiguar nas amostras de fala a seguir:

Sexo– feminino/ Idade– 16 anos/ Escolaridade– Segundo ano (E.M)
 “Há..., eu não costumo estudar muito, **mais** agora estou **estudano** um **poco** mais, **estudano** melhor agora. Assim... eu gosto de matemática, **portuguêis** e história, **mais** é por gostar de ler mesmo.”

Sexo– feminino/ Idade– 14 anos/ Escolaridade– Nono ano (E.F)
 “É... ele vão pra um **otro** país sabe? Que é tipo ficção e tem é... tipo esses herói, esses **negoco**, é legal! (...) Casada, **terminano** a faculdade e **trabalhano**.”

Sexo– feminino/ Idade– 15 anos/ Escolaridade– Primeiro ano (E.M)
 “**Mais** os pais dela nunca gosto disso, e sempre brigava muito com ela por esse motivo, **mais** enquanto os pais dela tava lá **brigano**...”

Nestes pequenos excertos, podemos observar a língua em funcionamento, sendo atravessada por fatores que lhe são externos, como, o grau de escolaridade, a situação de enunciação e a idade das informantes.

Uma variável, não menos importante, é a que diz respeito ao nível escolar do falante. Na presente pesquisa, ela demonstrou caráter decisivo apenas na construção do ditongo, já que, nos outros dois

fenômenos abordados, o processo inverso ocorreu, os falantes menos escolarizados obtiveram taxas inferiores de ocorrências. Esses índices fazem um contraponto com o ideário que preconiza que, quanto maior o grau de escolaridade, menores serão as chances do surgimento dessas manifestações linguísticas, tanto no plano oral quanto no escrito.

[...] Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face conformidade de dizer e de escrever. (MOLLICA; BRAGA, 2003, p. 51).

Como resultados gerais, obtivemos na monotongação 71 ocorrências, o que corresponde a um índice de 43%; na ditongação, constatamos 46 casos, totalizando 28%. No apagamento da dental /d/, observamos 48 incidências do fenômeno, perfazendo um total de 29%.

Como já explicitado, ao analisar nosso *corpus* de pesquisa, notamos algo curioso: os indivíduos do sexo feminino apresentaram as maiores taxas de ocorrência em todos os fenômenos linguísticos abordados. Tal constatação remonta a um de nossos questionamentos iniciais, quando indagávamos se tal variável influenciava na formação dos processos de ditongação e monotongação no sulgoiano.

Tabela 1 – Número de ocorrências e porcentagem dos fenômenos analisados quanto ao sexo dos informantes – por dois municípios do Estado de Goiás, no ano de 2014

	Monotongação		Ditongação		Apagamento da oclusiva /d/	
	Número de ocorrências	Porcentagem	Número de ocorrências	Porcentagem	Número de ocorrências	Porcentagem
Sexo feminino	39 vezes	55%	25 vezes	54%	31 vezes	65%
Sexo masculino	32 vezes	45%	21 vezes	46%	17 vezes	35%

Fonte: Elaboração própria.

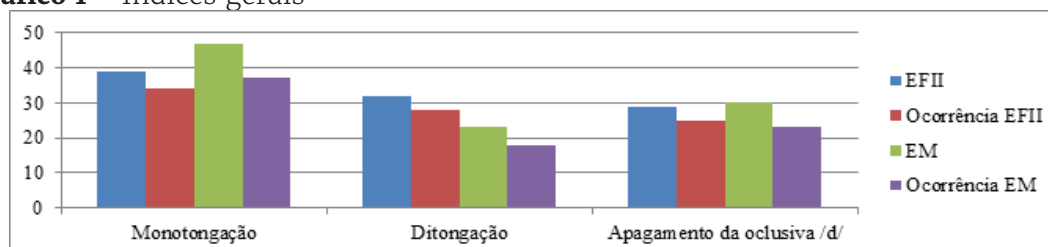
Diante dos resultados, podemos inferir que a variável correspondente ao sexo dos falantes é um fator preponderante na formação desses fenômenos linguísticos em nossa região. Quanto às variáveis concernentes à classe social e aos fatores geográficos, estas

apresentaram níveis insignificantes de interferência, já que todas as amostras de que dispúnhamos pertenciam a voluntários com níveis de *status* social muito semelhantes (classe média baixa), e, em raríssimos casos, esses participantes tinham origem de outras unidades federativas.

Na situação concreta da expressão linguística, essas variantes podem correlacionar-se de diferentes modos, do que resulta a complexidade dos usos linguísticos: o canal, sobretudo a língua falada, sofre a interferência da origem geográfica e social dos falantes; origem geográfica e social, por sua vez, já se apresentam imbricados (CASTILHO, 2004, p. 28).

A seguir temos os índices de cada fenômeno abordado no Ensino fundamental II e no Ensino médio.

Gráfico 1 – Índices gerais



De acordo com os resultados apresentados acima, torna-se notável que a supressão da vogal ou semivogal, na constituição do monotongo, não apresentou relação direta com o nível de escolaridade dos falantes. O oposto aconteceu com a ditongação, esta apresentou taxas de ocorrências maiores para os indivíduos menos escolarizados. A faixa etária também não teve um caráter decisivo na constituição desses fenômenos, já que todos os estudantes possuíam idades iguais ou muito próximas, eram pré-adolescentes e adolescentes.

Analisando os dados, deparamo-nos com resultados muito similares tanto para o Ensino médio como para o Ensino fundamental II, o que em nada difere de outras pesquisas, como a realizada por Hora e Aquino. “Nos fenômenos variáveis analisados, os que apresentaram maior índice de ocorrência são, em geral, formas não estigmatizadas, já bastante consolidadas na fala espontânea” (HORA; AQUINO, 2012, p. 1113).

As semelhanças entre estes dois grupos analisados devem-se às características que envolvem a classe social dos falantes e à proximidade de faixas etárias desses. Além disso, as ocorrências que encontramos de **ditongação** e **monotongação**, quase que em sua totalidade, aconteceram em palavras pouco estigmatizadas, em situações em que o ditongo ou o

monotongo já se incorporou à fala coloquial. São exemplos: mas/mais, faz/ faiz, inglês/inglês, primeiros/ primeros, ouro/oro. O apagamento da oclusiva /d/ no gerúndio não é uma particularidade da língua portuguesa, ocorre também em outros idiomas.

O fenômeno em análise consiste no resultado da assimilação do fonema /d/ pelo fonema /n/ em contextos como: imaginando~imaginano, falando~falano, quando~quano, ou seja, há uma assimilação do /d/ pelo /n/ para, em seguida, haver o apagamento do fonema (-nd->-nn->-n-). Este processo de apagamento da oclusiva /d/ não é exclusividade do português brasileiro; ele está presente também em outras línguas (MARTINS, 2004 *apud* HORA e AQUINO 2012, p. 1111).

Esse foi o fenômeno observado em menor proporção, em quase todas as amostras de fala analisadas. Tal constatação nos leva a crer que esse apagamento aconteça em frequência ainda menor na prática escrita, configurando-se como um fenômeno mais suscetível na oralidade. Por intermédio da observação do nosso *corpus* de pesquisa, conseguimos responder outra questão, levantada no início de nosso trabalho. Qual o papel da variável concernente ao nível escolar no apagamento da dental /d/ no gerúndio?

Apesar do número de entrevistados do Ensino fundamental II ser superior aos do Ensino médio, estes apresentaram um índice de 30% de apagamento contra 29% do Ensino fundamental II, o que demonstra que esse fenômeno linguístico no sulgoiano não está associado a variável escolaridade, já que os indivíduos mais escolarizados obtiveram um índice de apagamento da oclusiva maior do que aqueles com menor grau de escolarização.

Não podemos legitimar tal apagamento baseadas em uma visão simplista e inadequada do fenômeno em questão. Nem sequer justificá-lo categoricamente, embasadas em limitadas amostras de fala oriundas de uma região tão múltipla em variedades. Entretanto, respaldando-nos nos resultados obtidos, podemos inferir que a eliminação da oclusiva /d/ na formação do gerúndio está longe de se incorporar aos traços dialetais de nossa região, pois sua ocorrência é limitada à prática oral e acreditamos ser ainda mais escassa no exercício da escrita.

Ao término de nosso estudo, conseguimos elucidar as questões que levantamos como principais objetivos de pesquisa. Os dados comprovaram que a variável gênero/sexo desempenha papel fundamental na formação das manifestações linguísticas apresentadas, pois, como explicitamos, os indivíduos femininos apresentaram as

maiores porcentagens em todos os fenômenos analisados. Resta-nos hipotetizar a respeito de tal prevalência nas amostras de fala das jovens entrevistadas, lembrando que não podemos concluir seguramente o motivo de tal predominância.

Não podemos tampouco ser taxativas quanto a essas hipóteses, considerando o alcance limitado de nosso *corpus* em relação à população total desses municípios e a parcela entrevistada. Todavia, uma suposição nos parece coerente, ela aponta para a paulatina emancipação pela qual passa a classe feminina e que se reflete diretamente nessa nova geração. O **empoderamento** feminino, fruto de séculos de lutas e conquistas feministas, podem plausivelmente estar se materializando na liberdade linguística da qual usufruem essas meninas.

São conhecidas as grandes ressalvas que pesavam e que por vezes ainda incidem sobre o discurso feminino. Os bons costumes e a moral patriarcal sempre mitigaram a conduta e o falar das mulheres, não somente o teor dessas enunciações, mas a maneira como aconteciam. Assim, um falar mais cuidado, indubitavelmente, era-lhe outorgado. Com isso, intuímos que os novos arranjos familiares e as relações de simetria entre os sexos, dentre outros fatores, podem ser responsáveis por essa maior abertura linguística e desapego as formas gramaticalmente consolidadas.

Todavia, o fator relacionado ao gênero não é o único a demonstrar resultados esclarecedores. Na análise dos dados, também constatamos que a ditongação segue a lógica da variável escolaridade, foi o único fenômeno que demonstrou uma relação intrínseca e hierárquica quanto ao número de ocorrências, com maiores índices para os indivíduos menos escolarizados, o que não se repetiu com os outros dois fenômenos em análise.

Quanto ao exposto, podemos conjecturar que os falantes do Ensino fundamental II têm essa maior incidência por ainda estarem em um processo inicial de formação escolar, não tendo sofrido o forte apelo gramatical afiançado pela escola, por esse motivo poderiam conservar traços mais coloquiais. Contudo, reiteramos nossa hesitação quanto a essas afirmações que se configuram como meras hipóteses, carecendo de uma pesquisa mais abrangente para serem admitidas ou refutadas. Com tais pressuposições apenas temos a intenção de tratar criticamente o assunto, abrindo um novo viés de discussão para abordá-lo em pesquisas posteriores.

Considerações finais

Ao iniciar a pesquisa, tínhamos como objetivos primordiais analisar como alguns fatores externos à língua contribuem para a formação dos processos de ditongação, monotongação e apagamento da dental /d/ na região sulgoiana. Conferindo especial atenção às variáveis gênero/sexo, faixa etária e escolaridade. E claro, contribuir mesmo que modestamente, para a consolidação de um retrato linguístico de nossa região.

Cabe salientar que essa é uma pesquisa inicial, constituída por intermédio de um modesto *corpus* de pesquisa, mas que em nada compromete sua credibilidade e a validade dos dados aqui analisados. Com a análise do *corpus*, verificamos algumas ocorrências sugestivas dos padrões de comportamento linguístico nessa região, com forte prevalência de fatores externos à própria língua. Com a consolidação desse trabalho, acreditamos ter dado um pequeno passo para a compreensão do panorama sociolinguístico da região sulgoiana, extremamente rica em variedades, entretanto, ainda pouco explorada em âmbito linguístico.

Referências

- CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de Linguística e gramática**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CASTILHO, A.T. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: BAGNO, M. **Linguística da norma**. (org.) São Paulo: Loyola, 2004. p. 27-35.
- CUNHA, C. CINTRA, L. **Gramática do português contemporâneo**. 6.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- FARACO, C. A.; TEZZA, C. As linguagens da língua. In: _____. **Prática de texto para estudantes universitários**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 9-19.
- FIORIN, J. L. **Introdução à linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.
- HORA, D da; AQUINO, M. F. S. Da fala para a leitura: Análise variacionista. **Alfa**, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a15v56n3.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2014.
- MATTOS E SILVA, R.V. Variação, mudança e norma (Movimentos no interior do português brasileiro). In: BAGNO, M. **Linguística da norma**. (org.) São Paulo: Loyola, 2004, p. 291-315.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

Recebido em: 24 de mar. de 2016.

Aceito em: 25 de jul. de 2016.